

Prefácio ou um convite para entrar por aqui e por acolás

“Tem que usar chinelo de pelo para não riscar o chão”. Essas são palavras de uma criança que, na época em que esteve visitando um grande museu localizado no estado do Rio de Janeiro, com seus 07 anos de idade, comentava sobre sua entrada naquele espaço. Como nos apontam Spinelliet *al.*, “imagine um local onde não se pode tocar em nada, caso contrário, os seguranças lhe chamam a atenção. Também não dá para fazer um lanchinho [...]. Um local que não dá para brincar de pega-pega ou de esconde-esconde, pois é preciso fazer silêncio e saber se comportar”¹.

Como toda forma que surge historicamente na paisagem das sociedades não é isenta de imaginários axiológicos, há sempre um valor social que está semanticamente impregnado em suas materialidades. Os museus, em suas origens, remetem-nos a territórios onde se espera que um conjunto de comportamentos envolva nossas corporeidades, movimentos e presenças nesses locais. Trata-se de um ser e estar no espaço que nos levam a pensar e questionar como os corpos infantis, de bebês e crianças pequenas, com suas escalas singulares de existir no mundo, podem ser acolhidos e vivenciar essas instituições.

A temática que propomos discutir neste dossiê está localizada, exatamente, nesta interface: Infâncias e Museus e a ela se agrega a Educação como a base de nossas reflexões, pois, ao reconhecermos os seres humanos como sujeitos que nascem em sistemas sociais historicamente organizados e geografias cheias de vidas, temos a existência de muitas instituições que farão parte de suas existências, desenhando a condição histórico-cultural dos processos de humanização.

Por isso falar em Educação Museal é assumir aquilo que L. S. Vigotski (2018)² nos herdou ao trazer o conceito de vivência como a unidade ser humano e meio, em que o ato educativo, ao preceder as relações que se forjam na unidade ser humano-sociedade-natureza, gera o desenvolvimento e

¹ SPINELLI, P.; CHAMUSCA, C.; HENZE, I. M.; JANER, J. **Anais do XVII Congresso Red Pop**, 2023, p. 01.

² VIGTOSKI, L.S. **Sete aulas de Pedologia**. Rio de Janeiro: Epapers, 2018.

as transformações. Para esse autor, é necessário organizar o que ele convencionou de “situação social de desenvolvimento” (2006)³, ou seja, criar e organizar intencionalidades (inclusive pedagógicas) que possam potencializar o desenvolvimento de bebês, crianças e, quiçá, adultos, para que a vida possa se transformar e para que cada um possa ir além de si mesmo. Estaria aí, para esse autor, a principal função da educação, vez que foi ele mesmo quem afirmou que “educar sempre significa mudar”⁴ e, para nós, esse também seria um dos papéis dos museus e dos muitos centros que se assemelham institucionalmente.

É partindo desse pressuposto que foi criada a Rede de Primeira Infância em Museus (PIMu), um coletivo composto por pessoas de diferentes formações e áreas, de diversos segmentos da sociedade, que atuam em escolas, universidades, centros de ciências, museus e outros locais, mas que possuem um objetivo comum: pensar a acolhida de bebês e crianças nesses espaços. Temos trabalhado, prioritariamente, com um recorte etário de 0 a 6 anos, mas isso não significa que nossas questões não envolvam crianças além dessa idade.

A rede teve origem a partir do III do Ciclo de Webinários "Ciência, Arte e Educação", sistematizado pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), localizado na cidade do Rio de Janeiro. O ano era 2021. O tema a ser refletido pelas várias pessoas envolvidas naquele encontro era "qual o lugar da primeira infância nos museus?". Nos debates foi possível perceber o grande interesse dos participantes por esse tema e a necessidade, a urgência de organizar ações, pensar formação, parcerias, trocas de experiências que viessem a contribuir não só com a presença dos bebês e crianças nesses espaços, mas, sobretudo, que garantissem também suas participações e protagonismo, ampliando a perspectiva da própria concepção de museu para a concepção de uma Educação Museal que se pautasse em relações de dialogia, daqueles que chegam para as visitas e daqueles que recebem os visitantes, incluindo, aí, os familiares.

Desde a sua criação, a rede vem oportunizando, entre seus participantes e demais pessoas interessadas, uma forte troca de experiências, parcerias e assessorias para que as diferentes infâncias possam encontrar, nesses espaços, locais de formação, desenvolvimento e promoção de suas vidas. É necessário considerar que, desde sua origem, os museus e os muitos centros

³ VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo IV. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2006.

⁴ VIGOTSKI, L.S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 140.

semelhantes vieram passando por muitas transformações, desde museus de histórias únicas a museus comunitários, a ecomuseus, entre outros.

E foi pensando em partilhar essas experiências que a rede propôs este dossiê. Para isso, buscou-se diversificar os enunciados que compõem o material que propomos. O/a leitor/a irá encontrar aqui artigos de caráter científico, ensaios e relatos de experiências, além de narrativas oriundas de diferentes territórios do Brasil e também contribuições de parceiros do exterior. Tudo com o propósito de colocar não só para a comunidade acadêmica, mas para as escolas, para os/as estudantes de graduação e pós-graduação as muitas facetas que possibilitem as vivências da primeira infância nessas fronteiras que, em sua gênese, não foram pensadas para ela.

Pensar em Educação para além dos espaços escolares é pensar nas muitas instituições que podem estar em diálogo com a própria educação escolarizada, reconhecendo que os processos de desenvolvimento, de humanização, de ampliação dos saberes, de socialização dos diferentes conhecimentos construídos ao longo da filogênese humana emergem na sociogênese (plano social) de onde a ontogênese das novas gerações parte. Pensar em Educação Museal é pensar nesses espaços como locais de encontros, lugares intergeracionais que promovam o existir como a essência dos saberes; eis uma das facetas de nosso projeto societário, eis a faceta que escolhemos para este dossiê.

E, agora, convidamos quem lê estas páginas iniciais a entrar conosco, a caminhar junto com nossas palavras, conhecer e viver as muitas possibilidades de ser, estar, existir e conviver com esses espaços que desejamos ser de todas as pessoas, em suas diversidades e diferenças, em suas infâncias.

Texto escrito coletivamente por todos autores
e autoras deste dossiê.

Outono de 2025